



Mauri König

O preço da inocência

São demais os perigos desta vida. Para quem tem menos de 12 anos, principalmente.

Esta livre adaptação não exalta o amor sublime de Vinicius de Moraes, nem canta qualquer música que se una a um luar desvairado. Ela conta o desamor terreno de um sem-número de crianças largadas à própria sorte nos extremos do Brasil. Quantas são? Quanto sofrem? Quanto valem? Não há estatística boa o suficiente para dimensionar o problema, nem coração capaz de medir tamanha dor. Mas há, sim, uma resposta, tão direta quanto incômoda, para a mais intrigante das perguntas: a infância tem preço!

A constatação deriva do mergulho numa das faces mais grotescas da natureza humana, a exploração sexual de crianças e adolescentes. A viagem foi longa, muitos são os caminhos que levam ao crime. Percorri com o fotógrafo Albari Rosa uma vasta porção desse submundo dominado por cafetões, traficantes, políticos e policiais corruptos. Foram 28 mil quilômetros por terra, água e ar. Literalmente do Oiapoque ao Chuí, pelas fronteiras.

Ao final de três meses na estrada, retornei com a amarga sensação do pouco valor que se dá à vida. Daí o questionamento inicial: qual o preço da inocência? Chocou-me ver uma mãe trocar a virgindade da filha de 11 anos de idade por um par de sapatos. Mais chocante ainda foi constatar que não são poucos os lugares em que a miséria e a fome levam mães a negociar os filhos em troca de comida. Esse é apenas um viés doméstico do problema. Existe toda uma dinâmica internacional, que usa nossas estradas como rotas de fuga.

O Brasil não cuida de seu maior patrimônio, as crianças. A evasão desse patrimônio acontece com mais intensidade numa meia dúzia de pontos dessa fronteira vasta e porosa. Um tráfico facilitado pela escassez de fis-

cais e de controle como na Ponte da Amizade, entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, no Paraguai.

Igual preocupação assombra as pontes que ligam Brasília e Epitaciolândia, no Acre, a Cobija, na Bolívia. Não menos grave é a fronteira seca de Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Ou a de Chuí, no Rio Grande do Sul, com a quase homônima Chuy, no Uruguai. Ou, ainda, o caudaloso Rio Madeira, que separa geograficamente o Brasil da Bolívia, mas os une na contravenção. Da mesma forma, o Rio Oiapoque em relação à Guiana Francesa.

Muitas vezes é a geografia da Floresta Amazônica que determina as rotas da exploração sexual infanto-juvenil. O Rio Amazonas tornou-se marco divisor. Para quem vive acima dele, a Venezuela e o Suriname são mais acessíveis como uma ponte para a Europa. Abaixo da calha do rio, fica mais demorada, cara e perigosa uma investida aos países acima da linha do Equador. Daí a opção mais rápida e barata das fronteiras com a Bolívia, onde há menos dinheiro e as privações são muitas.

Dois exemplos ajudam a entender por que o tráfico e a exploração sexual andam juntos nas fronteiras. Em Ponta Porã, adolescentes vinham sendo aliciadas em Cuiabá e Dourados para trabalhar como garotas de programa e acabavam se tornando “mulas” do tráfico.

O outro exemplo vem da fronteira de Guajará-Mirim (RO) com a Bolívia. Ali, militares em operação na Floresta Amazônica flagraram o corte ilegal de árvores. Como suborno, o dono da madeireira ofereceu os serviços sexuais de uma boliviana de 12 anos de idade. O homem, um brasileiro, foi autuado pelo crime ambiental, mas não pelo crime contra a menina. Esses dois exemplos revelam o quanto nossas autoridades policiais estão pouco – ou nada – preparadas para lidar com a exploração sexual infanto-juvenil.

Mauri König é jornalista da *Gazeta do Povo*.